

A IDENTIDADE OU REPRESENTATIVIDADE DE UM POVO INTERIORANO:

Um estudo de caso do Programa Balanço Geral na cidade de
Novo Repartimento a partir da notícia

Mozaniel GUIMARAES¹

Arcângela Guedes de SENA²

RESUMO

O presente artigo vem analisar como a população local de Novo Repartimento, sudeste do Estado do Pará, era representada e identificada pelo único telejornal local, Balanço Geral, na emissora afiliada à Rede Record, antes de ser retirado do ar. Analisar-se-á, a partir do conceito de *fait divers* se há uma preocupação, compromisso com a informação qualitativa ou se visa essencialmente a audiência. Estabelecemos uma analogia entre o jornalismo em nível sensacionalista e as relações de poder que permeiam à estrutura do jornal. Trata-se de um texto sobre a mídia local, que deseja entender como se constrói a notícia veiculada pelo telejornal, em questão, e se identifica a população local). O trabalho é alicerçado por pesquisa bibliográfica e em análise sistemática que busca esclarecer de um modo considerável como e porque acontece a desconstrução do conceito de jornalismo na cidade para uma ideia de espetáculo da notícia. Os pensamentos dos filósofos Michel Foucault, Roland Barthes, Guy Debord, Mauro Wolf e Stuart Hall são utilizados como referencial teórico para enfim chegarmos a uma explicação mais significativa de como a comunicação pode se construir.

Palavras-chave: jornalismo local; relações de poder; fait divers; identidade.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo compreende a discussão sobre a representatividade do povo interiorano na cidade de Novo Repartimento, sudeste do estado do Pará, da REDE RECORD (Balanço Geral) a

¹ Graduado em Jornalismo pela Faculdade Estácio do Pará (Estácio FAP). E-mai: mozanieltwain@hotmail.com

² Professora e coordenadora do curso de Comunicação Social na Faculdade Estácio do Pará, Mestre em comunicação (Universidade Federal do Pará) E-mail: arcangela.sena@estacio.com.br

partir das notícias veiculadas na programação. O objeto de estudo será analisado a partir das relações de poder que o cercam, traçando um breve panorama das tendências atuais do jornalismo popular local para constatar satisfatória e sinteticamente de que forma se dá a identidade do povo mediante o discurso jornalístico, que trata a notícia como um espetáculo, *fait divers*, em se tratando do único programa televisivo da cidade. Ao comungar da filosofia foucaultiana, selecionamos dois repórteres da cidade para realização da pesquisa. Optamos pelos repórteres por acreditarmos que eles exercem forte influência no campo jornalístico e na construção de opinião. Pois, nos ajudarão a entender como o corpo do profissional disciplina os discursos na redação e assim na informação veiculada. Esses profissionais fazem parte das duas reportagens que também serão analisadas no trabalho, conforme veremos a seguir.

Para a garantia de êxito na proposta de estudo, a compilação deste trabalho reúne dados adquiridos mediante pesquisa e observação na cidade de Novo Repartimento, compreendida então por um recorte de duas reportagens noticiadas no dia 15/06/2015 pelo mesmo telejornal deste *corpus*, e em seguida esmiuçar algumas considerações sobre a observação do conteúdo das duas reportagens e entender como a população local de Novo Repartimento era representada e identificada pelo único telejornal local a partir das formações discursivas partidas do conceito de *fait divers*³, antes de ser retirado do ar. Sendo este o objetivo geral.

Acreditamos que uma das saídas para a abordagem mais facilitada deste artigo foi também um estudo do termo *fait divers*, usado por Barthes (1964, p.30) ao explicar que se tratam dos fatos que cobrem escândalos, curiosidades e bizarrices e parte dessa teoria do espetáculo é comungada pelo teórico francês Guy Debord (2003). O jornalismo vive atualmente no fiel da balança, isto é, numa busca incessante por audiência e conseqüente manutenção comercial dos veículos de comunicação. Há uma preocupação em ofertar o entretenimento para o seu receptor.

Ligando esses dados à programação Balanço Geral, único telejornal na cidade feito com informações sobre o município, gravado e produzido na cidade mesmo, tentaremos através do material adquirido verificar se a forma como era transmitida a informação pode ser conceituada a partir do que se entende por *fait divers* e quais elementos caracterizam isso. Se a sua abordagem define a identidade do povo, ou melhor, se o telejornal representa a cidade. Diante disso, o objetivo específico deste trabalho é, de acordo com os dois materiais adquiridos discutir a forma como a população foi identificada nas reportagens. Um outro objetivo específico seria identificar que

³ Termo usado por Roland Barthes no seu livro para definir o espetáculo, o sensacionalismo (Essais critiques, 1964)

elementos apontam o *fait divers* como impulso para a audiência.

O estudo também utilizou como metodologia, a pesquisa de campo, através de viagem até à cidade nos dias 14 e 15 de outubro e visita à emissora afiliada Rede Record seguida de acompanhamento com o apresentador responsável pela programação até a data de término do programa. Reunidas, essas informações, acredita-se que se estabelecerá que tipo de relações de poder permitem ou não uma representação da identidade do povo de novo repartimento. Tomaremos como base, as formulações de Michel Foucault e Roland Barthes.

A abordagem desse estudo tem importância e relação com o pesquisador como morador da cidade e de sua percepção sobre o fato.

Na verdade, sua relevância se baseia logo no que sugere Foucault, quando

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas coisas, como se vê, são numerosas e importantes. (FOUCAULT, 1987, p. 51)

Portanto, tem-se a intenção de discutir, através do estudo, como as relações de poder podem interferir na notícia, como elas controlam o que será falado na reportagem, ao qual no *corpus* do trabalho se refere às duas reportagens da cidade interiorana.

A metodologia do trabalho é de análise do conteúdo, para se identificar os processos que caracterizam o *fait divers* nas reportagens, objeto do estudo em questão.

O trabalho se ancora em pesquisa bibliográfica e em análise sistemática, pois a literatura que o pesquisador examina tenta evidenciar o entendimento do pensamento dos autores elencados, relacionados com seus dados obtidos. A definição de importância e relevância de um trabalho sobre identidade e representatividade é proveniente de uma observação sobre o uso da imagem do sujeito que, relacionado com os pensamentos de Stuart Hall responderão se há ou não essa representatividade a partir das notícias veiculadas. Para tanto, o estudo divide-se em três partes distintas. A primeira conta com a contextualização de como é o município e a sua comunicação, bem como a entrada da programação e seus artifícios de entretenimento, tratados pelo que Roland Barthes (1964) atribui como *fait divers* e que fora comungado com as proposições de Guy Debord.

Posterior a isso, partiremos à segunda parte de discussão, a qual nos permitirá discorrer sobre a problemática desse trabalho corroborada com os pensamentos de Michel Foucault (2014) e Roland Barthes (1964), possibilitando uma análise mais aguçada do objeto. Tentaremos

entender como as Teorias *Newsmaking* e *Agendamento* se aplicaram, e assim identificar em que instância proporcionaram a sujeição do indivíduo em conformidade com o discurso docilizado e tido como entretenimento em conformidade com a visão de Mauro Wolf (1985).

Em consonância com essa explanação, partiremos em direção à terceira e última parte do artigo que possibilitará uma discussão sobre a identidade que o jornal estabelece sobre o povo interiorano. Ora, até onde a imagem do indivíduo pode ser considerada como show e como isso o identifica. Por fim uma breve consideração sobre a ruptura do telejornal.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Quanto ao referencial teórico efetuamos levantamentos bibliográficos em artigos afins aos assuntos: relações de poder, jornalismo local e televisivo. O conceito de *fait divers* como identificador de sensacionalismo na abordagem da notícia. As teorias jornalísticas, sendo elas: *Teoria Newsmaking* e *Agendamento* ao situar suas possíveis aplicações, e em que instância proporcionaram o fim da programação.

2.1 NOVO REPARTIMENTO – CONTEÚDO HISTÓRICO, DOCILIZAÇÃO DO OLHAR

Novo Repartimento é um município localizado no sudeste do estado do Pará com uma faixa de 62.124 habitantes de acordo com pesquisa realizada pelo IBGE em 2015. Possuindo uma área de pelo menos 15.399 km², a cidade de Novo Repartimento é vulgarmente conhecida como a “Princesinha da Transamazônica” por estar localizada entre as três cidades que ligam diretamente a Rodovia principal, portanto, Marabá, Tucuruí e Altamira. A origem do município de Novo Repartimento está relacionada à tribo indígena Parakanã, à construção da Rodovia Transamazônica e à construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. É nela também onde se situa o maior projeto de assentamento da América Latina, o Projeto Tuerê, localizado a cerca de 300 quilômetros de Marabá. Tuerê ostenta o título por possuir mais de 290 mil hectares de extensão e cerca de 2.100 lotes de terra.

Por ser uma cidade com uma extensão territorial consideravelmente grande, a comunicação passou a ser uma problemática intrigante, pois há aos arredores do município três estações de rádio que não funcionam como difusoras de informação, mas como rádio musical.

Desse modo, aceitei o desafio de traçar uma reta entre a cidade para tentar identificar como a população recebe a programação ao meio dia por se tratar de um estudo de recepção e se a forma de abordar a notícia lhes convém, e mais importante ainda, se o telejornal os identifica.

Dentro dessa mesma perspectiva, trabalhei com o programa diário intitulado Balanço Geral que fora pensado na versão original da Rede Record nacional veiculando informações da região local a partir do ano 2013.

A cidade elencada para estudo possui uma estratificação social de bairro, isto é, locais com pouco poder aquisitivo e outros com situação abastada economicamente. Os bairros, a maioria mantidos como favelas, surgiram a partir de invasões de terras que posteriormente viriam a se tornar núcleos urbanos pequenos e pouco desenvolvidos. Advindos da zona rural, os moradores se situaram onde antes era apenas matagal, e construíram ali seus sonhos.

Dados do IBGE de 2015 indicam que o maior bairro, Nossa Senhora Aparecida contabiliza mais de 14.000 moradores analfabetos por não terem frequentado nunca uma escola. Surge então meu interesse de discussão, porém, como o telejornal não era assistido somente pelos moradores desse bairro vimos a necessidade de discutir em toda a cidade.

A população *repartimentense* tem no geral o hábito de ligar seus rádios e ficar horas à fio ouvindo as músicas tocadas durante o período da manhã, perdurando até por volta do meio dia, quando terminado o almoço, ligam suas TVs, mas sem programação local, já que em dezembro de 2015, a programação local, que havia no município, objeto de estudo desse artigo, saiu do ar.

A comunicação televisiva do município não gera uma subjetividade no sujeito de novo repartimento, pois é toda veiculada, a partir do eixo Belém, Rio, São Paulo. Há uma espécie de docilização do olhar do cidadão de novo repartimento, no sentido de ser disciplinado, enquadrado sob a ótica do que a tv agência como saber.

Foucault (2014) explicou as relações de poder, partindo da menos significativa até a que exprima maior comando através da punição, esta, sendo o método para moldar o ser dentro das instituições. Os indivíduos são “corpos dóceis” ou “docilizados”, pois o corpo, de acordo com o filósofo passa por uma fase de desarticulação que o vai recompondo, transformando para enfim a instituição o devolver à sociedade.

Em consonância com o que Foucault (2014) sugere sobre a docilização do ser, não estamos falando apenas do indivíduo, mas também da instituição, pois toda a estrutura da emissora é docilizada. Estes serão sujeitados a aceitar o quê e como fazer, o quê e como dizer. Os

corpos dóceis argumentados e defendidos pelo autor fazem presença nesse estudo com os moradores da cidade que assistem à programação diariamente e se entretêm com as reportagens.

Ao discutir sobre o que é Comunicação, segundo a compreensão de Bordenave (1997, p.19) confunde-se com a própria vida e é uma necessidade básica da pessoa humana, ou seja, do homem social.

Entendemos que comunicação é um método de interação entre duas ou mais pessoas ou então com um objeto. Não seria interessante nem conveniente dizer que o livro na estante nos comunica algo se nunca o abrimos para saber o que está escrito nele. Como não seria interessante também dizer que a televisão nos comunica quando não entendemos a linguagem do âncora.

3. O RÁDIO, O JORNAL LOCAL, O TELEJORNALISMO E OS SUJEITOS

Antes de começarmos um mergulho sobre a história do telejornal Balanço Geral, vamos entender um pouco sobre a mídia e suas adaptações. A linguagem oral a partir de quando compreendida como primeira revolução (PATERNOSTRO, 2006, p.27), permitiu ao indivíduo começar uma reconfiguração de seus métodos de comunicar-se, a utilizar artifícios que facilitassem seu comunicar-compreender. Concomitantemente foi se adequando conforme a tecnologia se fazia mais presente.

Castells (2000, p.43) infere que a tecnologia é a sociedade, e que a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas, sugerindo então o autor a questionar sobre como esse paradoxo veio se instalar na cidade que possui um contingente significativo de pessoas que lêem, cultuam jornal, e adéquam tecnologia no dia a dia. Argumentando de uma forma histórica, o jornal, o rádio e a televisão, ao nascerem, impactam somente um raio de abrangência local ou regional, ciclos. Destes meios de comunicação alguns conseguem desenvolver um potencial reconhecimento nacional ou internacional, outros permanecem locais.

Com a ingerência da Globalização, da teoria econômica e das comunicações, em primeira instância, pressupôs-se a aniquilação da comunicação local, para se refletir posteriormente com o que Castells (2000, p.43) propôs ao dizer que há a reconfiguração dos costumes, das culturas. A emergência da globalização é uma constante e está presente em

diferentes contextos e mais ainda, sob uma variedade de formas de atuação.

O rádio, sendo eminentemente local, passou por uma reconfiguração e adaptação no seu modo de fazer e na sua forma de comunicar. O mesmo ocorrera com a televisão, com o advento da internet. O radiojornalismo, o rádio na internet, a perspectiva do rádio nos aparelhos celulares, mostram que o discurso de convergência defendido por Jenkins (2006, p.42) é mais do que uma realidade atual, quando comparada ao que nossos avós vivenciaram. Antes, tinham em sua sala-de-estar o aparelho grande e suntuoso sempre ligado à noite para assim, reunir a família e todos assistirem ao noticiário ou à telenovela. A Falácia das caixas-pretas, é uma analogia aos nossos celulares que comportam TV, rádio, MP3.

A TV, destinada para todos os públicos, e possuindo uma linguagem universal, determina a adequação da programação ao regime de audiência (BRITTOS, 2003), esta última a estabelecer maior faixa etária em determinados horários.

No telejornal estudado, o responsável pela veiculação de notícias trabalha baseado no que chamamos de *Teoria do Newsmaking*, valor-notícia, grau de noticiabilidade. Ora, o jornal, de qualquer veículo de comunicação precisa de recursos para continuar existindo, e isso será possível com o consumo de informação. Por conseguinte, de um outro lado vem o consumidor de notícia como também, na maioria das vezes potencial colaborador jornalístico, pois, além de recebedor se torna contribuinte para a construção da notícia. Trabalha-se também com a Teoria do Agendamento (*agenda setting*) que agenda, seleciona, com certo grau de relevância os assuntos que poderão ser falados e discutidos pelos possíveis consumidores de informação.

Pensando assim, Ferreira (2000, p.13) nos elucida que o processo de agendamento é tematizado e hierarquizado, pois se refere às pessoas.

Agrimani (1995, p.19) enfatiza que o primeiro portal por onde o entretenimento se difundiu foi a partir do jornal, em especial pela imprensa sensacionalista, explorando o *fait divers* como um dos primeiros recursos editoriais que visava a diversão de massa.

As coisas esdrúxulas⁴ no entendimento de Barthes (1964, p.32) possuem interesse maior do que as corriqueiras por terem uma narrativa sensacionalista, no sentido de que a sensação emociona. De encontro com Novo Reportamento vemos nas duas reportagens explicadas a seguir que a personalidade do indivíduo se torna vulnerável, ao passar por uma amostra potencial da imagem. As notícias de assassinato veiculadas e mostrando a figura do indivíduo estirado no

⁴ Termo utilizado para definir algo estranho.

chão, sem respeitar a ética da cobertura jornalística para todos os telespectadores apreciarem, não havendo o cuidado de suavizar a situação resulta em constrangimentos familiares e/ou profissionais. Ou então mostrar o casal apaixonado que ganhou em um sorteio as entradas do melhor motel da cidade para passar a noite do dia dos namorados resulta no que Hall propõe (1997), ou seja, o fato de que todas as práticas têm um aspecto discursivo.

Com isso, foi convencionado analisar até onde a identidade de um povo interiorano pode ser representada por um telejornal local.

Essa abordagem da representatividade, com embasamento em Foucault (2004) é essencialmente importante e interessante para Hall (1997) por ser estabelecida uma problematização que envolve o sujeito e o discurso. Porém, o telejornal ainda assim é considerado o meio de comunicação mais respeitado até os dias de hoje, mesmo que desligado.

O *fait divers* pode ser compreendido em diversos momentos de uma reportagem. De um lado, o exemplo é do morador da cidade que foi preso por roubo de quintal utilizando um simulacro, objeto feito com plástico que se assemelha muito a um revólver e utilizado por meliantes remete a algo engraçado, em especial por estar embriagado no momento em que o repórter o entrevista. A atitude do jornalista ao posicionar-se diante do indivíduo e a fazer gracejos para aguçar a espontaneidade. De outro, o casal que ganha as entradas para o motel, mostrada a um nível extremo sem o cuidado de amenizar a forma de abordagem.

A proposta do *fait divers* segundo Barthes (1964, p.188-189) é partida da constituição entre causalidade e coincidência, o acontecimento justificado pela emoção de uma causa ou pelo acaso. Mas na concepção de Morin (1969, p.78) ele é consumido não como algo ruim, criminal. O *fait divers* para ele está presente na mesa, com o café e o leite do leitor ou telespectador, dentro do metrô, por que não? Esse consentimento corrobora com o que Agrimani (1995) presume como o *fait divers* sendo uma “informação quente e relativa, localizada”, pois comparada com o objeto pode-se dizer que o telejornalismo Balanço Geral se caracteriza como catalisador e estimulador do entretenimento. Ora, a TV funciona como o mundo. Aquele mundo que simula o real e apresenta o real. A realidade é contada naquele momento e é o que é.

Dizard (1998, p.239) nos diz que a imprensa, pensada como sensacionalista nunca deixou de ser criticada, já que permite apelo aos instintos mais baixos do ser humano nos levando a perceber que a notícia quente e fervente tem mais propensão a ser lida ou vista. Mas Morin, (1969) é um pouco mais enfático quando percebe que as vítimas do *fait divers* são testadas e oferecidas como sacrifício à infelicidade e à morte. No caso estudado, o contexto é

identificado a partir da imagem que os moradores construirão a respeito dessas pessoas, uma vez vistas em rede local.

3.1 BALANÇO GERAL COMO TELEJORNALLISMO POPULAR E O FAIT DIVERS

A história do jornalismo no Brasil (PATERNOSTRO, 1999, p.30) se inicia logo no ano de 1924 quando *Assis Chateaubriand*, ainda um jovem jornalista adquire seu primeiro empreendimento, *O jornal*, que tornar-se-ia a partir daquele momento o primeiro império de comunicação do país.

O rádio apareceu no Brasil um ano antes, ainda que já passado pelo seu estágio da época de ouro e ainda se tratando de veículo de comunicação de massa permanecia em evidência, mas não tanto como a TV. Isso porque há um discurso envolto à nova identidade cultural de se produzir, veicular e receber notícia. As emissoras se voltam para a TV. As caixas-pretas nos falariam posteriormente o que queríamos ouvir e ver.

O processo de comunicação em Novo Repartimento se inicia com a chegada da Radio Amazônia em 2003, perdurando até somente meados de 2005, por não ser legalizada. Em contrapartida, nesse mesmo período surge a TV Floresta afiliada Rede SBT, que tinha como foco principal publicitar lojas e departamentos do município. No final da tarde, havia o telejornal diário “TJ Regional”. A programação destacava apenas acontecimentos das redondezas entre Tucuuruí e Novo Repartimento, pondo em seu espelho algumas reportagens exteriores à região.⁵ A TV Floresta permanece na cidade, mas sem programação específica, ou seja, publicita ainda as lojas, departamentos, assessoria de comunicação da prefeitura municipal, que movimentam parte da economia do local.

O telejornal ainda se encontra ativo, porém não mais reprisado na cidade de Novo Repartimento. A partir de 2009 surge a emissora afiliada à Rede Record, apenas com programação em rádio. Somente no final do mesmo ano é que o programa Balanço geral se tece e começa a comunicar lentamente de acordo com a realidade da cidade.

Marcondes Filho (2000, p.84-85) nos diz que nos dias atuais o telejornal precisa provocar emoção, promover sensibilidade nos telespectadores, transmitir através das cenas a dor, a tristeza, a alegria. E deixa veemente que não é qualquer imagem que é suscetível a ser telejornalismo.

⁵ O espelho do jornal era voltado aos acontecimentos nas cidades próximas, Tucuuruí, Breu Branco, Novo Repartimento, Goianésia e Marabá, posteriormente passou a cobrir matérias nas cidades de Altamira e Pacajá. Hoje apenas veicula notícias da cidade de Tucuuruí.

Embora não trabalhemos com o método quantitativo, mas verificamos que a maioria dos programas televisivos se mune do *fait divers* para garantia de audiência em peso. O *programa do Gugu*, por exemplo, reprisado na mesma Rede nacional nos deixa claro esse pensamento quando em sua estreia promoveu a filmagem do mausoléu da atriz Dercy Gonçalves, morta em 2008. A proposta da reportagem era constatar se a atriz foi ou não sepultada em pé. Além, também, das perguntas de praxe feitas pelos repórteres da programação *A tarde é sua*, ao saberem da morte de algum famoso brasileiro: “É muita tristeza nessa hora, não é?”.

Partindo ao encontro à programação Balanço Geral em Novo Repartimento, encontramos semelhanças onde um *fait divers* versa sobre a prisão de um morador que supostamente seria autor de assalto com um simulacro, dando-nos a entender que ele está ali presente como um recurso para suprir o conteúdo jornalístico do veículo. A perspectiva de mostrar claramente repórter x entrevistado em uma conversa engraçada e descontraída nos faz condescender com o que (MORIN, 1964, p.197) denomina de bizarrice, ou seja, quando o bizarro, o crime, o acidente, invadem a vida no dia a dia. Interessante que Guy Debord (2003) relaciona o fenômeno do *fait divers* como o discurso ininterrupto, pois que a ordem presente faz sobre si mesma, isto é, sob o seu monólogo elogioso. Sua linha de raciocínio está voltada ao auto-retrato do poder no momento da gestão total das condições de existência.

Na contextualização de Debord (2003, p.26) o espetáculo na sociedade representa de forma concreta uma fabricação da alienação. Isto é, quanto mais o homem transforma sua vida em mercadoria, mais se separa dela.

3.2 O SUJEITO DOCILIZADO PARA O E PELO ENTRETENIMENTO

Schlesinger (1978, p.31) avalia que todas as formas de análise de mensagens produzidas, enfrentam complicados problemas de raciocínio, que dizem respeito aos processos produtivos enquanto tais e contêm, por isso, lacunas explicativas. Então, inferimos dizer que o entendimento é relativo para cada indivíduo. O que para os meus avós era normal, acreditar cegamente no que as emissoras diziam, por exemplo, para mim não fazia tanto sentido depois de um certo tempo.

Na comunicação de massa, o discurso dos telejornais varia de emissora para emissora, bem devemos saber. E antes de mais nada é fundamental deixarmos claro que o objeto de estudo, Programa Balanço Geral de Novo Repartimento, se trata de um Telejornal de gênero

opinativo por estabelecer um contexto um pouco mais próximo do cotidiano do telespectador e atribuir opinião a respeito de determinado assunto. Programações televisivas com uma linha editorial mais subjetiva como Programa do Ratinho apresentado por Carlos Massa exemplificam essa perspectiva. Ao fazer este mapeamento da cidade e da programação televisiva, notamos que o formato é bem parecido com o das capitais Belém, São Paulo, Fortaleza onde há uma versão única do mesmo telejornal em todas as regiões do país, pois os apresentadores expressam opiniões e tentam se apresentar como personalidades autênticas (ANDRÉ;NETO, 2014, pag.10).

A forma como a notícia era veiculada no programa Balanço Geral, em Novo Repartimento, objeto de nosso estudo, nos leva a querer entender os critérios de noticiabilidade e os valores/notícia que estabelecem o que deve e o que não deve ser noticiado.

Os valores/notícia, para Mauro Wolf (1985, p.86) operam de uma maneira bem específica. Isso porque, a seleção das notícias vem de um processo de decisão e de escolha que se realiza rapidamente e que, embora seja quase que automática, é sempre acrescida de avaliação.

As notícias dadas pelo Programa Balanço Geral na cidade de Novo Repartimento são reprisadas diariamente, já que é feito para apresentar fatos recorrentes na cidade e nos locais vizinhos. A linguagem lúdica e regional, com créditos aos dialetos (linguajar) da própria região permite uma interatividade maior entre programa e telespectador. O telejornal informa o que acontece ou aconteceu no município enquanto a população dormia durante a noite. Essa tática de linguagem regional cria de certa forma um elo de identificação com o telespectador, para Stuart Hall (1997, p.35) a questão de representatividade se dá conforme a produção do significado, do conceito, na mente do sujeito mediante a linguagem.

Como veículo de comunicação regional, o programa Balanço Geral configurava em sua linha editorial crimes, assaltos, publicidade das lojas e departamentos, e conversa acerca das atualidades da cidade. A preocupação em levar a notícia para as salas das casas dos moradores demonstrava ser uma constante. E nos perguntamos nesse tópico se haveria alguma espécie de *agendamento* por trás das entrelinhas ditas e do que é passado na maioria das vezes.

De acordo com a Teoria da *agenda setting*⁶ nos é revelado que a mídia nos agencia sobre o que pensar, falar e até mesmo o que fazer a partir do que é divulgado. Se a notícia precisa impactar o telespectador, a alternativa encontrada é agendar esse acontecido e encontrar a melhor possibilidade de provocar opinião pública a respeito.

⁶ Teoria do agendamento. Na visão de McCombs e Shaw, o meio midiático irá estabelecer a pauta para a opinião pública. A

Para Wolf (1985, p.82) o veículo de comunicação tem como objetivo declarado fornecer o relato do acontecimento de uma forma significativa e interessante, ou até mais que isso. E na verdade, o processo de produção de notícias vem contornado com uma continuidade avaliada das relações do cotidiano.

É o que Schlesinger conduz ao afirmar que:

Quanto ao processo de produção de notícias, ao entrar numa espécie de rotina, as mesmas rotinas podem ser corrigidas continuamente e seus elementos correspondentes criam novas relações. (SCHLESINGER, 1978, p.35).

Então, tendo em mente que a notícia se constrói através da qualidade de reordenação das rotinas, o objeto de estudo vem versado no recorte das duas reportagens no ano de 2015, relacionadas a seguir, que nos permitirão discutir sobre como elas são analisadas e encaminhadas.

Com o jargão "Eu vou que vou, eu tô legal, na hora do almoço põe no Balanço Geral" o Programa tomou notoriedade no ano de 2007 com o apresentador Geraldo Luís nacionalmente conhecido por ser espontâneo e crítico. O programa ganha versões regionais, porém com a mesma linha editorial, e em Novo Repartimento, a versão chega no ano de 2013 com as mesmas características.

Façamos um breve investimento ao descrever os dois fatos para entendimento total deles e torná-los passíveis de associação às Teorias do Newsmaking e *Agenda Setting* em conformidade com o que se convencionou problematizar em *fait divers* no tópico anterior.

Em 15/06/2015, temos duas reportagens para discussão a começar pela prisão de um rapaz que seria suspeito de praticar assalto com um simulacro no bairro Vale do Sol. Já na prisão, a entrevista começa a se desenrolar, e percebemos que há uma espécie de espontaneidade forçada que coloca o indivíduo numa posição de constrangimento. O uso do *fait divers* é claro quando os comentários como "cigarrinho do capeta" que se refere ao cigarro de maconha, e "não gosta?" ao questionar se o rapaz não aprecia o gênero feminino são ditos pelo repórter, que nos levam a entender que o anseio em estimular o ridículo, a fim de se obter audiência fala mais alto do que preservar a dignidade do sujeito.

Conforme a reportagem, ao que se vê o entrevistado está aparentemente num grau de embriaguez, mas não tão elevado. Consegue entender as perguntas do repórter, e se defende,

teoria agenda setting é seletiva ao noticiar determinados fatos e adiando outros.



embora meio nervoso. Ao ser questionado se fumava diariamente um possível “cigarrinho do capeta”, termo que conota ao cigarro de maconha, logo se defende ao dizer que não. Quando ao ser questionado também sobre ter uma namorada, responde que até o momento não tem ninguém. O rebatimento do repórter com um “não gosta?”. Os indícios de sujeição social permeiam no cenário ao indicarem que se o homem não tem relacionamento com uma mulher naquele momento, significa então que ele não é assumidamente homem, assim como pelo fato de estar aparentemente embriagado pode estar sob efeito do então “cigarrinho do capeta”.

O jornal como produtor e difusor de informação nutre uma expectativa no telespectador a partir do agendamento da notícia. É através dela que será dito o que se deve e como se deve pensar a respeito. E sua estratégia é de se manter em movimento. Nesse pensamento, o indivíduo entrevistado passa pelo que Foucault (2014) denomina de corpos dóceis, tratado aqui no estágio em que o indivíduo é sujeitado a um controle, em especial do discurso. Para ele as relações de poder estão presentes em qualquer ambiente, desde a menos expressiva até a que designa maior autoridade.

Em contrapartida, no mesmo dia em que o jornal foi ao ar, houve um sorteio para o casal mais apaixonado, já que poucos dias após o Dia dos Namorados. Fica claro na reportagem que a ideia central é proporcionar ao casal um dia de realizações com idas e vindas às compras e, finalmente um jantar, mas a real forma como é discorrida a reportagem nos impulsiona a refutar que não era essa a ideia e sim, promover o motel, ocasionando na exposição da privacidade do casal. É certo que não são todas as pessoas que gostam de ter sua privacidade invadida, mas é desconfortante quando quase no final da matéria o repórter entra no quarto de um motel e afirma que é justamente ali que o casal irá passar a noite com seus momentos de prazer. Ainda na passagem da matéria, a foto de ambos aparece no fundo da tela para finalizar a reportagem.

A imagem do indivíduo tida como espetáculo ou entretenimento nos faz pensar nas proposições de Foucault (1973, p.269) sobre a questão do acontecimento, ou seja, é preciso que todas as listas de acontecimentos apareçam como singulares, curiosas, extraordinárias, únicas ou quase, na memória dos homens.

É perceptível o constrangimento por parte tanto do acusado como também do casal de namorados, em especial da mulher. Mostrar o quarto de motel, selecionado para a noite dos namorados do casal é um constrangimento corroborado ao que Morin (1969, p.197) discorre sobre testar e entregar o indivíduo à infelicidade. O fato de saber que uma cidade inteira

acompanha através de um vídeo o espaço onde homem e mulher passarão a noite por um pico de audiência seja para televisão ou para postagem no You tube requer uma análise enfática.

As *surpresas do número*, conceito de Barthes (1964, p.193) nos fazem refletir a partir da perspectiva de que uma causa tão pequena acaba resultando num efeito imenso aos olhos da sociedade.

Guy Debord compreende que o espetáculo, *fait divers*, é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que ao cabo não exprime senão o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guardião deste sono.

A alimentação da reportagem quando o repórter instiga o telespectador a observar os detalhes da suíte afirmando que é ali que o casal vai passar por momentos de prazer nos levam à percepção de que a docilização do discurso acontece dentro do próprio veículo de comunicação para que assim o indivíduo seja docilizado, de um lado o entrevistado, como entretenimento, e do outro o telespectador como degustador da informação e o próprio repórter que se deixa levar pela rotina empregada no modo de fazer televisão.

No caso do assaltante, o repórter transmite uma aparente cumplicidade com o entrevistado e durante a matéria, com ares de riso ao questionar o rapaz sobre namoro em resposta obtém um "não, tenho não" e retruca com um "não gosta?". Ao perguntar se o acusado fumava no momento do flagrante o "cigarrinho do capeta" nos vem também uma crítica acerca de como esse indivíduo poderá se reconstruir em sociedade já que tem a imagem por inteiro sujeitada.

Barthes (1964, p.194) explica esse caso ao fazer a analogia com um assassinato. Segundo ele, este tipo de *fait divers* "leva sempre a imaginar uma causa desconhecida, tanto é verdade que na consciência popular o aleatório é sempre distributivo, nunca repetitivo".

Mas no pensamento de Foucault (1973, p.269), o *fait divers* vem para mudar de escala, crescer em proporções, fazer aparecer o grão minúsculo da história, abrir ao cotidiano o acesso da narração. Não fica difícil de dizer que, as duas reportagens, com diferentes formas de abordagens, claro, são construídas a partir de uma narrativa agendada e que vem com o intuito de conseguir a audiência em conformidade com a publicidade, pois o jornal, como dito, precisa de subsídios para continuar ativo.

3.3 BALANÇO GERAL: A REPRESENTATIVIDADE DE UM JORNAL SOBRE UM POVO INTERIORANO



A identidade nos vem de acordo com o pensamento do teórico jamaicano Stuart Hall (1992), quando afirma que esta passa por três estágios isolados: o sujeito no Iluminismo, sendo este centrado, com uma identidade única e fixa. Posteriormente vem o sujeito Sociológico, quando percebe que a construção da identidade se dá através da interação com o outro. E a partir desta última concepção chegamos ao terceiro estágio identificado como o sujeito pós-moderno, com identidade não fixa, mutável. A posição do sociólogo diz respeito ao sujeito no mundo Pós-moderno, a passar por uma crise de identidade, pois de acordo com essa crise o homem vai sendo fragmentado e o entendimento do ser humano sobre si mesmo também. O autor discorre acerca do sujeito pós-moderno afirmando que este possui uma identidade móvel, que não permanece, e que vai se construindo historicamente, mas não é julgada uma construção inata, ou seja, sua identidade é mutável. O sujeito assume diferentes identidades em instâncias também diferentes.

Com essa mesma perspectiva, Hall (1992) complementa seu conceito de identidade móvel quando nos explica que a dialética desta está ligada às sociedades tardias, tais marcadas pelas diferenças, posições, visões, ou até mesmo identidades diferentes. Ele afirma que mesmo diferentes, elas não se desintegram por total, mas se articulam.

No caminho da representatividade, em um outro período, Hall (1997) destaca que a representação está ligada à produção do significado através da linguagem. A formação destes significados, signos nos farão, segundo ele dar significação e conceituar nossas relações vividas, as que levamos em nossas mentes e que reunidas integram a significação de nossa cultura.

Hall (1997) destaca que são três as teorias que abordam a representação. Ele fala que a primeira vem no lado reflexivo, pois, a linguagem estabelece um grau limpo de reflexão do verdadeiro significado de algo que há no mundo. Justifica este conceito com a segunda ao falar da intencionalidade, já que o falante impõe o significado através da linguagem, a concluir com a teoria construcionista. Hall (1997) nos permite saber que esse tópico é a linguagem como produto da sociedade, isto é, os significados se constroem mediante os sistemas de representação.

Ao comungar desta filosofia, destacamos a problemática do trabalho e entramos numa discussão que sugere: qual a representatividade ou identidade que um jornal pode ter sobre um povo interiorano, no caso estudado se tratando de Novo Repartimento? As duas reportagens, analisadas tanto em conteúdo quanto em discurso nos permitirão ter uma conclusão mais plausível a seguir.

Temos a reportagem que indica a prisão de um acusado de tentar assaltar com um simulacro as pessoas no bairro da cidade de Novo Repartimento, com a duração de 2 minutos e 35 segundos quando o repórter pergunta se ele estaria meio trôpego por causa do cigarro de maconha, atribuído pelo profissional como o “cigarrinho do capeta”. A reportagem é para alertar os moradores a terem cuidado no bairro isolado da cidade. O apresentador finaliza a reportagem amigavelmente.

Em outra instância, o casal de namorados condicionados a comemorar a noite num quarto de motel, esta com duração de 8 minutos e 55 segundos, percebemos que todos os telespectadores começam a conhecer os mínimos detalhes do espaço que os dois ganharam na promoção de Dia dos Namorados. A reportagem mostra o amor entre os dois e a conexão romântica entre namorado e namorada. O apresentador finaliza a reportagem dentro do quarto de motel com a foto de ambos na tela. Isso nos leva a entender que a notícia quente e engraçada tem um grau de noticiabilidade alto e que o agendamento desta pode tirar a repercussão de outra que possa vir. Para tanto, Stuart Hall (1997, p.41) assume em tese que o sujeito ou o objeto não têm estabilidade igualitária. Longe disso, eles formam na verdade o significado de uma comunicação.

É entendível, segundo o pensamento de McCombs e Shaw (1972) que a própria mídia define e agenda a notícia para a opinião pública, selecionando o que vai veicular e protelando, ou mesmo, silenciando outras.

Versado nessa perspectiva, fui ao encontro do que Wolf (1985) explica sobre valores notícia, os quais estão presentes e discursam sobre a relevância de cada reportagem em todas as localidades em sua concepção. A programação Balanço Geral em Novo Repartimento possuía uma linha editorial voltada ao popular, e desse modo precisava adequar uma linguagem que estivesse de acordo à realidade do povo. Os repórteres recebiam das mãos do chefe de reportagem a pauta do dia e com elas a linha editorial que padroniza a rotina dos repórteres e disciplina o que será veiculado ao telespectador.

Há, portanto, conforme Foucault (2014) a afirmativa de que o poder não impede o saber, mas longe disto, ele o produz. E que, embora não seja a construção de um saber autêntico e transformador, se refere à realidade de um povo do interior, que mesmo sabedor do que está consumindo de notícia, é condicionado a degustar o que há de disponibilidade no momento.

Sob o viés do sujeito, Hall (1997) em sua pesquisa, propôs uma investigação que perpassava desde Saussure até Foucault, analisando assim a língua, o discurso. Segundo ele o

sujeito pode produzir o conteúdo, mas permanece limitado no regime da verdade, no próprio discurso, na cultura.

O estudo de caso do telejornal Balanço Geral da cidade de Novo Repartimento, bem como suas reportagens, tais elencadas e discutidas até então nos levam à identificação do fenômeno *fait divers* como princípio para garantia massiva de audiência. A programação, regional e específica da cidade interiorana faz uma leitura do que é mais fácil para atrair a atenção da população, ou seja, a emissora afiliada necessita de subsídios para continuar ativa.

De acordo com esta pesquisa, muito se discutiu a respeito do formato da notícia, afinal, sabia se tratar de um telejornal numa emissora relativamente pequena na cidade, mas que pertencia à grande mídia. O telejornal perde força, e no final do ano de 2015 é desligado.

Através da análise, o processo de entrada da programação, na verdade foi um desafio, por se tratar de uma cidade ainda desconhecida e com um histórico de comunicação consideravelmente novo. A necessidade de patrocínios das pequenas empresas era tão importante quanto repassar a notícia, até mais que isso.

Os critérios de noticiabilidade de Wolf (1985) são o que indicam a presença do grau de seletividade do que é interessante. Na comunicação local de Novo Repartimento não é identificado zelo pela imagem, à ética, e à qualidade da informação. O uso frequente do *fait divers* nos mostra que uma boa parte do que compete ao código de ética é silenciada. A ideia de *surf* na informação sem aprofundamento, dita por McLuhan traduz a perspectiva de que na cidade não havia, no período em que foi feita esta pesquisa a preocupação em saber a fundo o destino da informação, apenas a diversão decorrente de cada caso reprisado.

As reportagens estudadas exemplificam esse modelo de crítica em consonância com as características adquiridas pelos moradores em função do intercâmbio não existente entre telespectador e notícia, ou seja, há uma interação entre os dois, mas não há um entendimento da mensagem recebida. A informação se mantém em andamento em Novo Repartimento. O receptor de notícia permanece no seu mundo virtual, isto é, nas redes sociais e em inércia no seu mundo regional, sem compreender o que realmente está se passando, partido aqui do fator informação. Nesse caso entramos no que a concepção mcluhiana fala sobre países quentes e frios, quando os mais desenvolvidos são os quentes e os menos desenvolvidos frios, pois nos dão a possibilidade de relacionar a cidade ao conceito frio, ao passo que McLuhan analisa a intencionalidade da comunicação em seus níveis interpessoais. Ora, o consumo de notícia local

permanece parado, estagnado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de busca por dados que viessem responder a essa pesquisa nos permitiram chegar ao que o estudioso francês Guy Debord (2003, p.20) propôs dizer que em toda a parte há representação independente, pois, o espetáculo reconstitui-se. Em seu modo de pensar, o próprio espetáculo filosofa a realidade. De certa forma, o que é reprisado, mesmo que deixe a imagem do sujeito em um nível baixo, no caso estudado o telejornal Balanço Geral, é o reflexo da realidade naquele momento e naquele espaço. Pois Morin acredita, como citado que o *fait divers* é a xicara de café com leite do telespectador.

Mas se Hall (1997) infere que o sujeito permanece limitado à sua cultura no regime da verdade e no discurso de si, então seria um refém em potencial do espetáculo. Esse pensamento muito de identifica com o de Debord (2003, p.29) ao analisar o afastamento dos homens entre si. Ele crua uma dualidade entre o sujeito e o mundo da mercadoria, para afirmar que esse mundo é mostrado como ele é, permitindo essa distância do sujeito de si.

De uma forma bem sugestiva, Debord (2003, p.29) acrescenta sua crítica sobre a qualidade, ou melhor dizendo, a perda da qualidade do produto notícia. Para tanto, ele especifica que independentemente ela se evidencia em todos os níveis da linguagem espetacular. É enfático em sua defesa ao dizer que o espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social.

A discussão para se chegar a uma unidade de entendimento da identidade e um povo interiorano a partir de um telejornal local em detrimento de três perspectivas distintas e de filósofos distintos, exigiu um mergulho intenso em suas filosofias. De um lado Michel Foucault a direcionara teoria dos corpos dóceis, de um outro Roland Barthes ao estabelecer o fenômeno do *fait divers* alimentado de certa forma também por Guy Debord, e em um ponto bem especial Stuart Hall que trabalha na problemática deste artigo, a representatividade.

Somo passíveis de concordar com Hall (1997, p.10) sobre a questão da modernidade: será que não é ela mesma que está sendo transformada? Ora, para ele a sociedade não é como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo delimitado e unificado. Ela se descentra constantemente.

Baseado nos estudos feitos para discutirmos sobre a identidade e representatividade do povo interiorano a partir das notícias veiculadas pelo telejornal Balanço Geral nos permitiram

chegar à conclusão de que o fenômeno do *fâit divers* é usado para representar o que acontece na cidade de uma forma mais aberta e chamativa, mas não há preocupação em suavizar a identidade do sujeito. De com Hall (1997, p.38) a identidade é na realidade algo formado, ao longo do tempo, mediante processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.

Essa representatividade poderia acontecer, mas não acontece, pois para Hall (1997, p.38) ela sempre é incompleta, estando em constante processo, sempre sendo formada. Perceba que o modo de abordagem do jornal para com o recebedor é uma forma de docilização do corpo, a preparação do sujeito para fora da instituição, além dos próprios atores sociais, conforme a proposição de Foucault(2014).

Hall (1997, p.39) é um tanto quanto otimista ao afirmar que ainda continuamos buscando a identidade e desconstrói o conceito social de que a cultura é atual, moderna. Hall (1997, p.56) assevera que o discurso da cultura nacional não é tão moderno como aparenta ser, pois constrói identidades ambíguas entre o passado e o futuro. Nestes termos, o telejornal que desapareceu em 2015 pode retornar com um novo formato e com uma identidade nunca completa se comparado com a perspectiva de Hall, e o sujeito, *idem*.

A pesquisa realizada conseguiu responder ao problema que mais preocupava o produtor do artigo, pois a representatividade não é absoluta, assim como a identidade também não o é.

A compreensão a nível de identidade e representatividade, conjugada com a de sensacionalismo, permitida com *fâit divers* por Barthes refutaram a perspectiva de que por mais que a cidade seja composta por moradores pouco letrados, um telejornal possa representá-la. Prova disso é a imagem do casal ligada a um quarto de motel, e a do assaltante solteiro relacionada, embora que num tom cômico ao homossexualismo.

Nos ensaios deste artigo Stuart Hall e Roland Barthes muito corroboraram com os dados obtidos através da metodologia. E Michel Foucault paralelo com Guy Debord contribuem com as perspectivas de docilização do corpo e o espetáculo, que ainda não permitiram o retorno do telejornal.

O telejornal Balanço Geral de Novo Repartimento ao tentar seguir o mesmo padrão do original confunde-se com a forma de abordagem. O excesso de partículas que definem a espetacularização, estudada por Barthes em *Essais critiques* querendo ou não é o que o telespectador aprecia, não o representando.

À guisa de conclusão, sugere-se que haja uma preocupação ao utilizar a imagem do indivíduo, pois exterior a esse ambiente e instância há uma vida que precisa seguir naturalmente seu ciclo. Até o término desta pesquisa o chefe de reportagem e proprietário do veículo de comunicação não deixou nítida nenhuma expectativa quanto ao retorno da programação na cidade.

REFERÊNCIAS:

ANDRÉ, Hendryó. ; SOMMA NETO, J. . Comunicação e política: as relações de poder no telejornalismo regional paranaense a partir da temática da violência/segurança. BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1, 2014.

AGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

BARTHES, Roland. **Essais critiques**. 1. ed. Paris: Points, 1964.

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz Terra, 2000.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Os Meios de Comunicação pelo viés do Paradigma da Sociedade de Massa**. São Paulo, 2014.

FILHO, Ciro Marcondes. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**, editora DP&A, Rio de Janeiro, 1992.

_____. **The work of representation: o trabalho das representações**. Nova Deli: Sage Publications, 1997.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Nacional, 1972. MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SCHLESINGER, Philip. **A sociologia e o jornalismo**. Paris: Le Zapping, 1978. WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação: textos de apoio**. Lisboa: Presença, 1999.